

“O partido nazista era o PT da Alemanha?”:

Relato docente sobre uma experiência com o ensino de história e o nazismo

Por Carolina Monteiro¹, Ignacio Angues²

Este relato tem como objetivo refletir sobre duas aulas ministradas no Colégio Estadual Júlio de Castilhos em julho de 2017 como parte das atividades do Projeto Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) no Subprojeto História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). As aulas foram elaboradas para uma turma de terceiro ano do Ensino Médio após a emblemática pergunta de uma aluna: “era o Partido Nazista o PT da Alemanha?”. Com o objetivo de complexificar o tema do nazismo e melhor discutir os acontecimentos que levaram a ascensão deste ao poder na Alemanha, foram planejadas aulas sobre a história do Partido Nazista e sua ideologia. Como recursos, foram utilizadas as propagandas do Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães, pois a nosso ver elas sugerem sobre as visões nazistas acerca da sociedade alemã daquele momento.

Introdução

As aulas de história são comumente onde as discussões políticas atuais emergem de uma forma recorrente no decorrer da apresentação dos conteúdos da disciplina. Há portanto uma transformação do ambiente escolar tradicionalmente definido em que a sala de aula deixa de ser o “o espaço fechado do estudo [...] dos acontecimentos da história [...], [passando] a ser um locus do debate intenso e politizado sobre o cotidiano da sociedade” (MULLET, 2007, p. 154). Esse movimento de “catarse” por parte dos estudantes durante as aulas pode ser traçado na forma que as mesmas estão se caracterizando durante os últimos anos, onde esse movimento é por vezes exigido pelo próprio professor. E quando se trabalha com um conteúdo (em nosso caso a Segunda Guerra Mundial) que é todavia latente em vários aspectos de nossa sociedade é esperado que cause um impacto nos discentes.

A partir disso, o que podemos observar sobre o viés de nossas experiências em sala de aula no Colégio Júlio de

¹ Licenciando em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), 7º semestre; e bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência.

² Licenciando em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), 7º semestre; e bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência.

Castilhos, é que os jovens de ensino médio recebem um “bombardeio” de informações dos mais variados assuntos. Sobretudo informações e notícias referentes às discussões políticas, tanto em nível local como internacional, onde a ciência histórica é utilizada como ferramenta política (SABROW, 2009). Isso acarreta que esses elementos se tornam partes integrantes da rotina escolar, e são motivos de enfrentamentos, basta alguns nomes de políticos para gerar um enorme espectro de reações nas turmas.

Essa grande quantidade de informações que os estudantes recebem hoje em dia não são a sua maioria vinda dos grandes meios de comunicação. A popularização dos aparelhos *smartphones* e uma maior cobertura de redes móveis no país nos últimos anos³, possibilitaram aos jovens diferentes fontes através das mídias digitais. Por sua vez os novos caminhos da informação impulsionaram o fim do consumidor de informações como mero espectador. Como dito por Mauro Michel El Khouri e Luciana Lobo Miranda (2015, p. 86), os novos paradigmas da informação com a digitalização proporcionaram ao jovem um meio de comunicação em que “seu aspecto produtor é potencializado pela possibilidade de publicação imediata de conteúdos digitais por parte dos usuários”.

A medida que essas novas questões ingressam no meio escolar percebemos que é a dificuldade das escolas se dá, tanto em razão da agravante situação dos espaços escolares, como a falta de recursos pedagógicos para se dialogar com esses novos elementos. Essa dificuldade faz com que a escola não cumpra sua “função de educar para o uso das mídias e das novas tecnologias” (KHOURI; MIRANDA, p. 82). O resultante disso é que o jovem faz um processo de “equivalência” entre suas fontes de informação. Podemos então supor, que para o jovem um *meme* de internet passa a ter o mesmo valor informativo e educacional ao jovem que um texto de uma pesquisa científica.

Esse processo não é necessariamente algo negativo, pois também demonstra uma maior abertura para a produção de materiais do próprio jovem. Porém abre espaço para uma série de canais de *YouTube* e páginas de *Facebook* – por muitas vezes financiados por corporações multinacionais, como no caso da série de televisão e internet “Guia Politicamente Incorreto” financiado pela *A&E Networks* – que tem por objetivo produzir materiais que buscam imitar um modelo de meio de comunicação “alternativo” como forma de atrair o jovem⁴. A respeito do conteúdo ligado à ciência histórica apresentado por essas páginas e canais, observamos é que o conteúdo vai na contramão das discussões historiográficas, em preferência pela apresentação de um modelo retrógrado de estudo da história.

Portanto quando assumimos a tarefa de ministrar

³ *State of Mobile Networks: Brazil*, disponível em: <<https://goo.gl/Qk2eaF>> Acesso em: 13 fev. 2018.

⁴ No trecho foi apresentado um exemplo negativo na produção de conteúdo digital, contudo há diversos produtores de conteúdo que trabalham de forma mais adequada com o assunto, como os canais de *YouTube* “Leitura Obriga HISTÓRIA” e “Café História TV”, que demonstram o potencial pedagógico da mídia.

uma aula sobre um assunto o qual tem as suas marcas na atualidade, como é o caso do nazismo, percebemos de que não poderíamos tratá-lo de uma forma simplificada, pois tínhamos uma demanda dos próprios alunos da turma por uma discussão mais aprofundada e politizada sobre esse assunto. Buscamos com isso atender uma função que sentíamos que não estava sendo satisfatória para os alunos, de estabelecer uma relação entre a grande quantidade de informações absorvidas pelos alunos e o ambiente escolar.

Eventos Catalisadores para a construção das aulas

Um dos méritos do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) é a promoção de vínculos entre o ensino superior e a escola básica através da formação de professores/as. Isto implica em uma vivência dos/as bolsistas nos diferentes espaços da vida escolar: salas de aulas, corredores, sala dos professores, pátios, entradas, saídas, coordenações, etc. Mais do que isto, o PIBID propicia a experiência do cotidiano escolar, os ensinamentos e aprendizagens que extrapolam as disciplinas, as relações, as trocas, os planejamentos e, certamente, os imprevistos.

Segundo Fernando Seffner, toda aula comporta imprevistos que colocam o planejamento em cheque e nos levam ao dilema de seguir as aulas pelo trajeto pré estabelecido ou formular uma nova direção para o ensino (SEFFNER, 2010, p. 218). Foi nesta encruzilhada que nos encontramos quando, ao observar uma aula do terceiro ano do ensino médio sobre a Segunda Guerra Mundial, nos deparamos com a emblemática pergunta de uma aluna que sentava em uma das primeiras fileiras da sala: “*então o Partido Nazista era o PT da Alemanha?*”. Para nós, bolsistas, que observávamos a sala de aula buscando apreender todas suas infinitas minúcias, a inesperada pergunta gerou um misto de surpresa e interesse pela resposta que seguiria. Para a professora que ministrava a aula, no entanto, que esforçava-se no malabarismo de sustentar a atenção dos inúmeros olhares da sala, o questionamento passou despercebido.

Adotando a perspectiva de Seffner, de que os comentários feitos em sala são esforços para estabelecer conexões entre o mundo dos alunos e os conteúdos de sala de aula e de que os comentários imprevistos revelam caminhos produtivos de aprendizagem (SEFFNER, 2010, p. 219), entendemos ser frutífero nos posicionarmos frente a colocação da aluna - com a qual possivelmente alguns alunos concordavam - e construirmos um novo caminho para a aprendizagem.

Além disso, a ideia de abordar o tema sensível do

nazismo e do Holocausto⁵ através de alguma atividade diferenciada nos parecia bastante próspera. Enquanto bolsistas, dispúnhamos de um tempo para a preparação de atividades que nos propiciaria planejar algo diferente e complementar em relação às aulas já assistidas pelas/os alunas/os sobre estes temas, que, de modo geral, eram uma tradicional “aula no quadro”. A maior proximidade com as mídias digitais dos/as bolsistas - normalmente mais jovens que os professores da escola -, foi também um elemento importante na idealização de nossas aulas, bastante influenciadas por sequências didáticas disponíveis online, sites educativos sobre o tema e um grande número de fontes que podem ser acessadas pela internet⁶. Tais trocas de saberes e o contato entre as diferentes gerações de professores/as é outro aspecto central do PIBID, que estreita os vínculos entre os que estão iniciando a licenciatura e aqueles que já experienciam à docência há anos.

As aulas

No Colégio Estadual Júlio de Castilhos, na região central de Porto Alegre, os bolsistas do PIBID/História encontram-se divididos conforme sua disponibilidade nos três turnos da escola, atuando conjuntamente com os diferentes professores desta. A turma em questão no presente relato trata-se de um terceiro ano do Ensino Médio do turno da tarde e, quando da ocorrência dos eventos narrados, contava com um quórum regular de cerca de 20 alunos. Apesar de não ser a professora do terceiro ano a supervisora do PIBID na escola, já estávamos familiarizados com ela e com os/as estudantes, pois desde o início do ano vínhamos acompanhando as aulas. Além disso promovemos também, em um esforço conjunto de todo o subprojeto História daquela escola, uma atividade sobre a ditadura civil-militar brasileira - o que já nos rendera um importante canal de discussão com a turma. Deste modo, quando nos propusemos a elaborar uma aula que abordasse a formação e ascensão do Partido Nazista na Alemanha, fomos muitíssimo bem acolhidos.

Inúmeras eram as possibilidades e os materiais disponíveis para explorar o tema escolhido nos dois períodos de 50 minutos (separados por um intervalo de uma semana entre eles) que nos foram reservados. Acabamos optando por um viés que nos permitisse explorar o progressivo fortalecimento do Partido Nazista e suas ideologias, a adesão de setores da sociedade a ele e a construção da imagem de Hitler. Entendemos serem as propagandas nazistas fontes

⁵ Essa discussão, no contexto da cidade de Porto Alegre, pode ser evidenciada no artigo de Fernando Nicolazzi “A zona cinzenta do Escola sem Partido: Valter Nagelstein e o ensino do Holocausto” publicado em 10 de julho de 2017 no portal de notícias Sul 21. Disponível em <<https://goo.gl/ocD3k5>>. Acesso em: 15 fev. 2018.

⁶ Para citar alguns exemplos de sites: <www.zum.de/psm/ns/index.php3>, <www.facinghistory.org/topics/holocaust>, <<http://lemad.fflch.usp.br/node/8251>>, <research.calvin.edu/german-propaganda-archive/>. Acesso em: 13 fev. 2018.

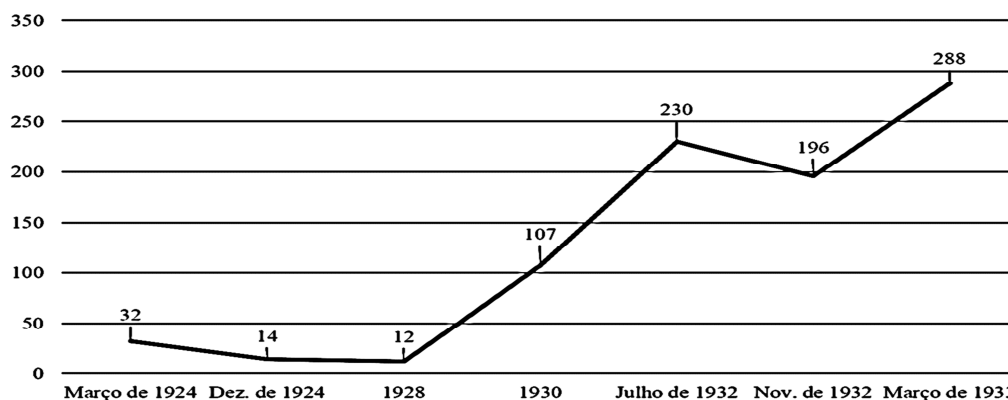
profícuas para tais discussões, pois ela teriam uma dupla função em nossas aulas. A primeira é que elas retratariam uma ótima síntese acerca da ideologia nazista e serviriam como um prelúdio interessante para trabalhar sobre as contribuições de Joseph Goebbels e do Ministério do Esclarecimento Público e Propaganda. A segunda é que as propagandas cumpriam um papel de fonte na discussão sobre o nazismo, de modo que, através delas, pudemos almejar uma problematização e crítica historiográfica, complexificando, através de sua análise, o conteúdo abordado nas aulas (MULLET; SEFFNER, 2007). Estabelecemos três objetivos em nosso planejamento: 1) Entender o alinhamento político do Partido Nazista frente ao cenário alemão; 2) Propor uma visão panorâmica do contexto de ascensão do Nazismo na Alemanha (eleições, referendos...); e 3) Perceber como as imagens de partidos e ideologias políticas são apresentadas nas propagandas políticas, notando o diferente tratamento que elas são dadas dependendo do contexto social em que são aplicadas. Para colocar em prática nossa discussão sobre as propagandas, entendemos ser fundamental um momento anterior que servisse como base teórica para as discussões posteriores. Assim, optamos por fazer uma primeira aula expositiva que se ocupasse da ascensão do nazismo na Alemanha. Tal aula foi baseada em três momentos específicos.

O primeiro momento foi centrado na apresentação do sistema político alemão da chamada *República Weimar* e na discussão sobre como um sistema parlamentarista como participação democrática através do sufrágio universal permitiu o surgimento do Partido Nazista. O segundo momento foi voltado na explanação acerca do processo eleitoral do período. Aqui foi crucial situar o nazismo no espectro da direita política, pontuando, também, a infame questão do “socialismo” presente no nome do partido. Tratamos de estabelecer a palavra “socialismo” a partir de sua historicidade (ESENWEIN, 2005) e questionar o quanto poderíamos considerar o plano de governo nazista como socialista devido seus preceitos e programas, (BEL, 2010, p.16). O terceiro e último momento desta aula foi reservado para a explicação de como teria se dado a tomada de poder pelo Partido Nazista. Optamos por falar sobre dois acontecimentos: o primeiro deles é quando o presidente eleito Paul von Hindenburg concede poderes à Hitler frente ao parlamento Alemão; e o suposto incêndio ao parlamento por parte de grupos comunistas, acontecimento esse que serviu como pretexto para o Partido Nazista assumir o poder na Alemanha de forma ditatorial.

Como resumo das informações foi feito um gráfico relacionando os anos das eleições e o número de parlamentares do partido nazista no parlamento alemão. O gráfico apresenta uma boa ilustração do crescimento progressivo do Partido, de modo que sua leitura seria bastante elucidativa sobre o processo. O gráfico, contudo, não fora impresso para ser distribuído entre os/as alunos/as, estando ape-

nas disponível no plano de aula que tínhamos em mão. Abraçando a ideia de que os imprevistos são marcas da sala de aula, decidimos oferecer o nosso plano para que circulasse na sala para que cada um/a pudesse fazer sua leitura individual do gráfico reproduzido abaixo.

FIGURA 1 - Número de parlamentares nazistas eleitos nas eleições alemãs (1924-33)



Fonte: Elaborado pelos autores

Buscamos também, no transcorrer de toda primeira aula, acentuar o papel fundamental que certos grupos civis desempenharam no fortalecimento do Partido Nazista, não só através de sua conivência, mas algumas vezes, de maneira ativa com o financiamento deste. Além disso, buscamos descrever um quadro político que mostrasse as diferentes ideias em voga naquele momento, falando sobre outros partidos e ideologias antagônicas. Por fim, procuramos também apresentar a ascensão do nazismo como um processo complexo não necessariamente centralizado na figura de Hitler, fugindo, assim, de visões que transformam o líder nazista em um “gênio maligno” e que esquecem das condições sócio-políticas mais amplas (PEREIRA & GITZ, 2014, p.67-68). As perguntas acerca de Hitler, no entanto, foram o que dominaram por muitas vezes a curiosidade da turma sobre o tema.

Passada uma semana do primeiro encontro, nos reunimos novamente com a turma, desta vez em uma sala diferente. Nesta segunda aula o foco se daria inteiramente nas propagandas nazistas, de modo que optamos pela sala com recursos audiovisuais. Após a entrada e a disposição dos/as alunos/as em torno das mesas redondas dispostas em L, continuamos nosso planejamento, fazendo uso de slides. Tendo uma experiência com a turma, e a própria turma com uma maior confiança sobre o conteúdo, foi possível trabalhar de forma mais dialogada e aberta com os/as alunos/as.

O início da aula teve o intuito de despertar a interpretação crítica acerca de uma propaganda. Perguntamos aos/às alunos/as o que são propagandas e para que elas servem, na intenção de evidenciarmos que a criação de

uma propaganda implica na tentativa de vender algo: seja um produto, uma ideia ou um tipo de comportamento. A partir deste ponto, pudemos colocar a seguinte pergunta: as informações que aparecem nas propagandas são sempre confiáveis? Assim, pudemos estabelecer inicialmente que, da mesma forma que um comercial reproduzido na televisão ou um outdoor lido na rua, as propagandas feitas pelo Estado Nazista também tinham o objetivo de “vender o seu peixe”.

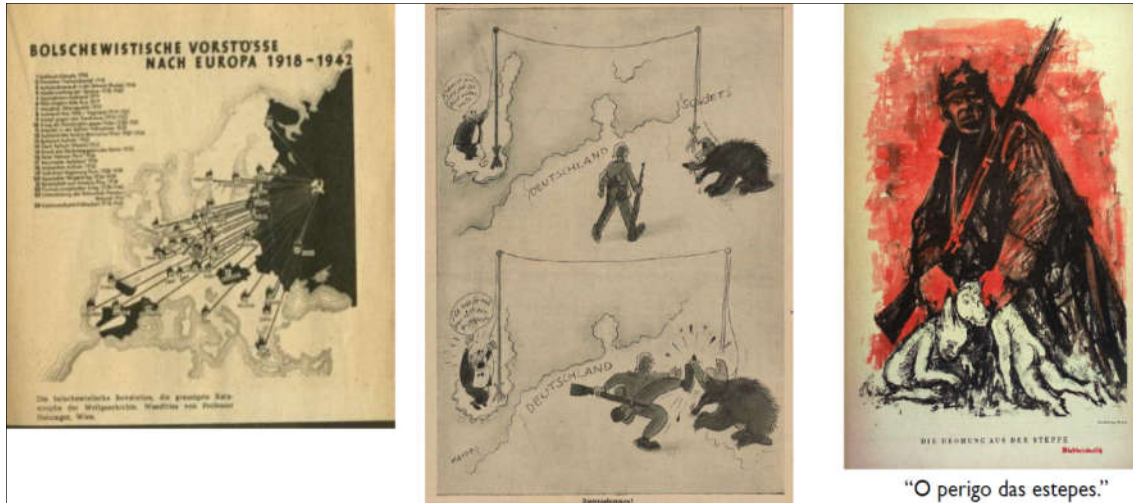
Seguindo esta breve introdução, partimos para a exposição de alguns elementos centrais no debate sobre a propaganda nazista propriamente dita. Apresentamos, neste ponto, a figura de Joseph Goebbels e seu Ministério da Propaganda. Sendo uma das figuras-chave em moldar a imagem do nazismo e o fez na forma de “manter a propaganda simples e fácil de ser assimilada por qualquer espécie de público” (MARTINO, 2007, 41). A partir disso definimos sete características da propaganda: linguagem simples, racionalismo, idolatria (à Hitler), militarismo (hipermasculinização dos corpos masculinos), anticomunismo, antissemitismo e maleabilidade.

Decidimos iniciar trabalhando sobre justamente a última característica, pois a partir dela seria possível construir junto com a turma a ideia de se usar propagandas como fonte histórica. Portanto foi comparado uma propaganda de abril de 1932 durante as eleições presidenciais em que o candidato Paul Von Hindenburg aparece associado como “o candidato dos judeus”, já a segunda imagem de março de 1933 mostra a imagem de Hindenburg junto a de Hitler. Depois perguntamos aos estudantes quais seriam os possíveis motivos dessa mudança, e com isso definimos que nessas propagandas deveríamos tanto prestar atenção em seus detalhes ideológicos do nazismo quanto seu contexto de circulação.

Um dos tópicos que consideramos mais importante ao planejar a aula foi o do anticomunismo, visto que estavam em voga no período em que a aula foi ministrada, as discussões referentes a posição do nazismo no espectro político⁷. A partir disso selecionamos três imagens para discutirmos a relação do nazismo com a esquerda, sendo que duas delas (as mais à esquerda na FIGURA 2) foram usadas para reforçar no alunado a importância do contexto histórico da obra. No caso o antes e depois da Batalha de Stalingrado, é perceptível a mudança do retrato utilizado para representar o soviético, do “urso bobo” em 1941 ao perigoso “monstro das estepes” de 1943, mesmo que as características animais permanecessem.

⁷ Como podemos observar nesse artigo publicado pela BBC Brasil em 7 de maio de 2017: <www.bbc.com/portuguese/salasocial-39809236> Acesso em 14 fev. 2018.

FIGURA 2 - Propagandas nazistas sobre o tema do comunismo



Fonte: German Propaganda Archive⁸

Contudo é na imagem mais à direita na qual buscamos como meio de explicar a relação nazismo e a esquerda. Nela observamos um mapa do continente europeu que busca denunciar as áreas do continente “afetadas” pelo comunismo. O que foi destacado por nós foi dois pontos sobre a planificação: o primeiro deles é que alguns dos locais “afetados” são colocados dentro da própria Alemanha, o que revela que a oposição ao regime internamente seria algo que vem do comunismo, portanto da esquerda; o segundo ponto é que a partir dos outros locais destacados, principalmente na Inglaterra (o trabalhismo) e na Espanha (o anarco-sindicalismo), foi possível discutir com os/as alunos/as se o interesse nazista era apenas em se opor ao comunismo ou qualquer ideologia de esquerda.

Conforme nos aproximávamos do final dos 50 minutos estabelecidos, o teor da discussão encaminhou-se para uma conclusão. Intencionamos, por fim, uma discussão da relação intrínseca entre a censura e a propaganda nos governos autoritários. Através de uma retrospectiva das imagens mostradas, pedimos que pensassem sobre qual modelo de cidadão e cidadã que estas propagandas louvavam, bem como o modelo de conduta apresentado. Ora, se aqueles eram os padrões incentivados e permitidos, eles nos mostram também, muito sobre o que não era permitido e portanto não se tornava público. Ao passo em que as imagens de homens assim chamados viris e mulheres submissas, todos brancos, apoiadores do regime, etc. era divulgada, simultaneamente se retiravam de circulação imagens que não corroborassem com a heterossexualidade, os interesses econômicos, raciais e religiosos defendidos pelo Estado alemão. A propaganda anda de mãos dadas com a

⁸ Disponível em: <www.bytwerk.com/gpa/> Acesso em: 14 fev. 2018

censura.

Diagnósticos e conclusões

De modo geral, entendemos ter sido bastante acertado o planejamento elaborado para as aulas. Tanto a primeira, abordando a construção e histórico do Partido, como a segunda, evidenciando seus mecanismos de funcionamento e adesão, nos permitiram circular por campos ainda não muito explorados no ensino deste tema. A questão do personalismo político em torno da figura de Hitler, por exemplo, foi um problema já mencionado que, acreditamos, fomos bem sucedidos em contornar, pontuando o maciço apoio da sociedade civil alemã ao regime. Outro ponto importante foi a ênfase dada à multiplicidade de experiências que a discussão sobre propagandas pôde gerar. Através da reprodução de diferentes imagens podemos pensar acerca das imposições feitas pelo regime aos diferentes grupos sociais.

Em relação aos objetivos que haviam sido propostos neste mesmo planejamento, acreditamos também que os cumprimos de maneira efetiva. As estratégias pensadas e os recursos selecionados - imagens, fontes, slides -, em grande medida, deram conta do recado. Existem, contudo, objetivos intrínsecos em todas as aulas que extrapolam os planos de ensino. Para nós, naqueles períodos que nos foram designados, nos colocávamos como meta que, para além dos tópicos pré-estabelecidos, pudéssemos gerar uma compreensão do nazismo dentro de seu contexto de autoritarismo e ausência da democracia, como uma resposta à já mencionada pergunta que intitula o presente relato.

Com isso em mente, é de se imaginar nossa imensa satisfação quando, ao final da aula, a mesma aluna que havia feito a emblemática colocação levantou a mão trazendo uma questão central para o debate sobre a censura e a propaganda nazista: *“É como na Ditadura Militar, né? Enquanto a censura proíbe algumas coisas existem outras que são incentivadas e permitidas pelo governo”*. Apesar do tom casual presente na afirmação, a fala da aluna foi substancial. Retomando conceitos e ideias que havíamos discutido anteriormente em uma oficina sobre ditadura, censura e cultura marginal, a breve colocação evidenciou apreensões e nexos em torno dos temas que havíamos propostos de modo que podemos nos considerar em grande medida satisfeitos com nossas aulas. Através de uma participação despreziosa, pudemos ter mais confiança não só no trabalho que havíamos feito em dupla nos últimos 50 minutos, mas no projeto que vínhamos desenvolvendo de forma bem mais longa e conjunta enquanto PIBID na escola.

Referências Bibliográficas

BEL, Germa. Against the mainstream: Nazi privatization in 1930s Germany. **The Economic History Review**, Oxford. vol. 63, n. 1, p. 34-55, 2010.

EL KHOURI, Mauro Michel; MIRANDA, Luciana Lobo. Do consumo à produção de mídia por estudantes de escola pública em Fortaleza - Brasil. In: BARBALHO, Alexandre Almeida; MARÔPO, Lidia Soraya Barreto. (Orgs.). **Infância, Juventude e Mídia - Olhares Luso-brasileiros**. Fortaleza: EdUECE, 2015, p. 77-94.

ESENWEIN, George. Socialism. In: HOROWITZ, Maryanne Cline (Orgs.). **new dictionary of the history of ideas**. Nova Iorque: Charles Scribners & Sons. v. 5, 2005, p. 2227 - 2235.

MARTINO, Luís Mauro Sá. A estética da propaganda política em Goebbels: Um estudo sobre a produção da publicidade a partir de seus Diários. **Comunicação & política**, v.25, n.2, p.035-053, 2007.

PEREIRA, Nilton Mullet. O Ensino de História e o Presente. **Ágora**, Santa Cruz do Sul, v. 13, n. 1, p. 151-166, jan./jun. 2007.

_____. ; GITZ, Ilton. **Ensinando sobre o Holocausto na escola**. Porto Alegre: Penso, 2014.

_____. ; SEFFNER, Fernando. O que pode o ensino de história? Sobre o uso de fontes na sala de aula. **Anos 90** (UFRGS. Impresso), v. 15, p. 113-128, 2008.

SABROW, Martin. The Use of History to Legitimize Political Power: The Case of Germany. In: SWOBODA, Hannes; WIERSMA, Jan Marinus (Orgs.). **Politics of the Past: The Use and Abuse of History**. Vienna: Renner Institut, 2009, p. 97 - 104. Disponível em:<http://www.socialistsanddemocrats.eu/sites/default/files/2856_EN_politics_past_en_090603_1.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2018.

SEFFNER, Fernando. Saberes da docência, saberes da disciplina e muitos imprevistos: atravessamentos no território do ensino de História. In: BARROSO, Vera Lúcia Maciel. et. al. (Orgs.). **Ensino de História Desafios Contemporâneos**. Porto Alegre: EST Edições ANPUH RS, 2010, p. 213-230.